

EDITORIAL

Ana Terra Reis

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe (TerritoriAL-IPPRI), militante do MST

E-mail: anaterreais@gmail.com

No momento em que toda sociedade brasileira acompanha ativamente o desenrolar dos acontecimentos políticos, fica evidente que não basta apenas estar com a leitura dos jornais em dia para entender o que está ocorrendo. No volume de informações que é veiculado todos os dias é necessário identificar os ingredientes, os atores, os interesses em jogo. Fazer isso é fazer análise de conjuntura. (José Hebert de Souza, Betinho, 1984, p.7).

O momento de crise estrutural do capital, acentuada por uma pandemia, nos leva, mais uma vez, a questionar o futuro da própria humanidade. Estamos imersos num contexto de desigualdades e de violência que atingem a maior parte da população mundial, a sanha pelo lucro a qualquer custo avança em todas as partes do mundo com pautas fascistas, que reproduzem o racismo, o machismo, o negacionismo, o fundamentalismo entre tantas outras formas de opressão.

Este dossiê do Caderno Prudentino de Geografia, publicado ao fim de um ano tão emblemático para o século XXI, como este 2020, constitui importante material para nos auxiliar no processo de reflexão e ação que deve ser adotado na tentativa de resistir e superar o projeto hegemônico de destruição imposto à humanidade como um todo.

São tempos de retrocessos significativos, de perda de direitos, de destruição ambiental, de violência, de obscurantismo o que impõe aqueles que ocupam a universidade o desafio vital de posicionar-se, superar a neutralidade acadêmica e de fato, analisar a conjuntura para contribuir com a transformação do mundo.

Ao buscar elementos que me ajudassem a escrever este editorial, revisitei o livro “Como se Faz Análise de Conjuntura”, de Hebert de Souza, Betinho, o irmão de Henfil que lutou tanto contra a fome e as desigualdades. O texto, escrito em 1984 nos propõe alguns princípios para analisar a conjuntura, e mesmo trinta e seis anos após a sua publicação traz alguns enunciados que são fundamentais. O sociólogo parte do princípio que para realizar uma análise de conjuntura é preciso atentar-se à algumas categorias: a) Acontecimentos: fatos que expressam um processo; b) Cenários: onde se dão os processos de atuação política, das ruas aos gabinetes; c) Atores: os sujeitos sociais e instituições que

estão posicionados e envolvidos no contexto de análise; d) Relação de forças: as formas como os sujeitos sociais interagem entre si, os conflitos e as relações de poder; e) Articulação entre estrutura e conjuntura: análise profunda, baseada no materialismo histórico e dialético, que explicita os sistemas de poder estabelecidos e os impactos na realidade conjuntural. O autor nos desafia ainda ao afirmar que “Toda análise de conjuntura só adquire sentido quando é usada como um elemento de transformação da realidade” (SOUZA, H.J. 1984, p.16).

Ao nos pautarmos na proposta metodológica de Betinho e revisitar os acontecimentos deste ano, nos voltamos à Pandemia, que escancarou as desigualdades, a fome, a fragilidade dos países periféricos e a negação por parte dos EUA em tomar medidas de isolamento e controle do Corona Vírus, condenando à morte quase 2 milhões de pessoas. Com a pandemia, houve o aumento da violência contra mulheres, idosos e crianças; a precarização do trabalho (dos entregadores de aplicativos, aos profissionais de saúde, passando *home office* dos professores); à reprodução do racismo estrutural, abrindo uma onda de protestos diante da morte de George Floyd e a repetição da violência estampada no caso de João Alberto Freitas, numa loja em Porto Alegre, da segunda maior rede de supermercados do mundo. E a pergunta que segue sem resposta: **Quem Matou Marielle Franco?**

Tivemos também eleições nos Estados Unidos e a derrota de Donald Trump, com a escolha de um democrata que promete ares menos fascistas ao império. As eleições municipais brasileiras, evidenciaram o avanço dos partidos de centro e o aumento das abstenções, segundo o TSE mais de 34 milhões de pessoas aptas a votar não compareceram às urnas.

Na agenda ambiental, assistimos a maior destruição registrada desde 1998, o Pantanal e a Amazônia arderam em queimadas com respostas pífiás por parte do governo federal, que insiste em esvaziar instituições de fiscalização e apoia o avanço do agronegócio sobre as florestas, expondo os povos indígenas à continuidade da morte. Em se tratando de agronegócio, observamos também uma valorização das *commodities* como soja, milho e carne frente a alta do dólar e a reprodução do modelo de contaminação, com a aprovação de 343 novos agrotóxicos, até outubro de 2020. O abandono das políticas de estoques do Governo Federal e a falta de incentivos à agricultura familiar levaram ao aumento expressivo do preço dos alimentos e a volta da fome.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Dossiê Temático “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência”, n. 42, v. 4, p. 5-8, dez, 2020.

ISSN: 2176-5774

Identificar o cenário de desolação e o palco desta tragédia vivenciada é um importante desafio para os geógrafos. Entender o espaço geográfico, abordar as escalas do local ao global, entender os conflitos é uma tarefa árdua e que não deve prescindir dos entendimentos e análises que encontram na geografia crítica uma importante contribuição.

Os atores desta conjuntura, são, sem dúvida, os sujeitos sociais e as instituições imbricados na crise e no acirramento das contradições entre capital e trabalho. Se, por um lado há uma projeção de esvaziamento institucional, no que se refere à democracia e o avanço do capital financeiro, há as operações estatais de socorro a setores econômicos, como bancos e o agronegócio. Se há fome e desigualdade, movimentos sociais organizados pautam a solidariedade e a resistência. Se há machismo e racismo estrutural, mulheres e negros se organizam para o combate a violência e a denúncia, além do acolhimento às vítimas. Essa profusão de atores diversos, nos impõe também compreender as opressões vivenciadas pela classe trabalhadora, dando sentido e significado de luta de classes às legítimas reivindicações.

A correlação de forças mostra-se desfavorável neste momento, a cooperação entre os agentes do capital, que ocupam os espaços de poder parece tão amalgamada que por vezes nos sentimos impotentes e resignados, nos colocando na condição de que “uma hora isso vai passar”. Resignação e medo, nos diz Betinho são as mais potentes formas de controle social e superar esta condição é também construir coletivos de atuação e ultrapassar as barreiras impostas pelo individualismo e as vaidades, tão comuns entre os que estão do mesmo lado frágil da história.

Por fim, ao buscar a articulação entre conjuntura e estrutura, devemos ter em mente, como afirmou Marx em o 18 Brumário de Napoleão Bonaparte que:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Entender e sistematizar a conjuntura é o que os autores e autoras deste dossiê se propuseram, entendendo que há um movimento hegemônico que encontra resistências na educação, na saúde, na questão agrária, na questão ambiental e que tais movimentos de resistência enfrentam o desafio histórico de superar as estruturas de opressão tão demarcadas pelo machismo e o racismo que acentuam as desigualdades de classe.

Por aqui, seguimos convictos de que temos um papel crucial na mudança da história, que os valores humanos do cuidado, da solidariedade e da consciência de classe podem nos levar a sobrevivência humana, enquanto espécie. Lutaremos!